

LIÇÃO 12 - Deus é a Causa Final de Todas as Coisas. A Ordem do Universo

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 10: 1075a 11-1076a 4

“ 1102. Devemos também inquirir como a natureza do todo [universo] contém o bem e o bem supremo, seja como algo separado e subsistente por si, seja como a ordem de suas partes.

1103. Ou será de ambas as maneiras, como um exército? Pois o bem de um exército consiste tanto em sua ordem quanto em seu comandante, mas principalmente neste último; pois ele não existe por causa da ordem, mas a ordem existe por causa dele.

1104. E todas as coisas, tanto plantas quanto animais (os que nadam e os que voam), são ordenadas em conjunto de alguma maneira, mas não igualmente; e as coisas não são tais que não haja relação entre uma coisa e outra, mas há uma conexão. Pois todas as coisas são ordenadas em conjunto para um único fim, mas da mesma forma que em uma casa, onde não é permitido às crianças agirem simplesmente como bem entendem, mas todas ou a maioria das coisas feitas são arranjadas de maneira ordenada, enquanto os escravos e o gado pouco fazem para o bem comum, mas agem na maior parte das vezes ao acaso. Pois a natureza de cada um destes constitui tal princípio. Quero dizer que por ela todos devem poder ser distinguidos. E há outras atividades que todos têm em comum por causa do todo.

1105. E não devemos deixar de considerar todas as conclusões impossíveis e incongruentes que confrontam aqueles que explicam as coisas de modo diferente, e que tipo de opiniões são expressas pelos pensadores mais populares, entre os quais aparecem as menores dificuldades.

1106. Pois todos esses pensadores derivam todas as coisas de contrários. Mas nem “todas as coisas” (1055) nem “de contrários” (1029) está correto; nem explicam como as coisas nas quais os contrários estão presentes vêm dos

contrários.

1107. Pois os contrários não podem ser afetados um pelo outro. Mas essa dificuldade é resolvida por nós de maneira razoável com base no fato de que há um terceiro elemento. Alguns pensadores fazem de um dos contrários a matéria, como aqueles que fazem do desigual a matéria do igual, ou do múltiplo a matéria do uno. Mas isso também é enfrentado da mesma maneira; pois a matéria, como uma, não é contrária a nada.

1108. Além disso, [segundo eles] todas as coisas exceto o uno existirão participando do mal; pois o próprio mal é um dos dois elementos (78).

1109. Pois outros pensadores consideram nem o bem nem o mal como princípios, embora o bem seja, no sentido mais pleno, um princípio das coisas.

1110. Os primeiros estão certos ao sustentar que o bem é um princípio, mas não dizem como ele é um princípio: se como fim, ou como motor, ou como forma.

1111. E a doutrina de Empédocles (50) também é irracional; pois ele identifica o bem com a amizade, embora esta última seja um princípio tanto como motor (pois combina as coisas) quanto como matéria (pois é uma parte da mistura 4). Portanto, mesmo que aconteça que a mesma coisa seja um princípio tanto como matéria quanto como motor, ainda assim seu ser não é o mesmo. Sob qual aspecto, então, a amizade é um princípio? E também é irracional que a discórdia seja indestrutível; pois a essência do mal, para ele, é precisamente essa discórdia.

1112. Novamente, Anaxágoras faz do bem um princípio como motor; pois seu "Intelecto" causa movimento. Mas ele causa movimento em vista de algum objetivo, e, portanto, deve haver algo outro que o intelecto (84), a menos que seja como dizemos; pois a arte da medicina é, em certo sentido, a saúde (606). Também é irracional não fornecer algo que seja contrário ao bem (78) ou ao intelecto.

1113. Mas todos os que falam dos contrários não os utilizam como tais, exceto alguns que fazem uso de imagens. E nenhum deles explica por que algumas coisas são destrutíveis e outras não; pois derivam todas as coisas dos mesmos princípios (250-263). Além disso, alguns derivam os seres do não-ser, enquanto outros (63), para não serem levados a isso, fazem todas as coisas uma.

1114. Além disso, ninguém explica por que há sempre geração, e qual é a sua causa.

1115. E aqueles que postulam dois princípios das coisas devem assumir um primeiro princípio que é superior. Isso também vale para aqueles que postulam

Formas separadas, porque há outro princípio mais importante; pois por que a matéria participou das Formas ou por que participa delas?

1116. E para outros pensadores, deve haver algo contrário à sabedoria ou à ciência mais nobre; mas isso não ocorre no nosso caso. Pois nada é contrário ao que é primeiro, já que todos os contrários envolvem matéria, e as coisas que têm matéria estão em potência; e a ignorância é contrária ao conhecimento particular que é o contrário no qual ela pode se transformar. Mas nada é contrário ao que é primeiro.

1117. Além disso, se nada existe exceto as coisas sensíveis, não haverá princípio, nem ordem, nem geração, nem corpos celestes; mas todo princípio terá um princípio, como sustentam todos os teólogos e filósofos naturais.

1118. Ora, se existem Formas e números separados, eles não serão causas de nada; mas se o forem, certamente não serão causas de movimento.

1119. Além disso, como a extensão ou a quantidade contínua será composta de partes que são inextensas? Pois o número não pode, nem como motor nem como forma, produzir um contínuo.

1120. Além disso, nenhum dos contrários será um princípio produtivo e um motor, porque seria possível que ele não existisse. E, de qualquer forma, sua atividade seria posterior à sua potência. Nenhum ser, então, seria eterno. Mas alguns são. Portanto, uma dessas premissas deve ser rejeitada. Como isso pode ser feito, já foi explicado (1057).

1121. Além disso, quanto ao modo como os números, ou a alma e o corpo, ou as formas e as coisas em geral são um, ninguém afirma nada; nem é possível fazê-lo, a menos que ele diga, como nós, que um motor os torna um (733-41).

1122. E aqueles que dizem que o número matemático é a realidade primária e que há sempre uma substância depois da outra e dão princípios diferentes para cada uma, tornam a substância do próprio universo um grupo de substâncias não relacionadas entre si (pois uma substância não confere nada a outra, seja por ser ou não ser), e nos dão muitos princípios. Mas os seres não querem ser mal dispostos. — "Muitos governantes não são bons; portanto, que haja um só governante."

COMENTÁRIO

2627. Tendo mostrado como o primeiro motor é tanto uma inteligência quanto um objeto inteligível, aqui o Filósofo pretende investigar como o primeiro motor é um bem e um objeto de desejo; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro (1102:C 2628), mostra como o bem está presente no universo, segundo a sua opinião; e segundo (1105:C 2638), segundo as opiniões de

outros filósofos ("E não devemos falhar").

Quanto ao primeiro, faz duas coisas. Primeiro, levanta uma questão. Segundo (1103:C 2629), responde-a ("Ou é").

Ora, esta questão surge por causa de uma afirmação feita acima de que o primeiro motor causa movimento como algo bom e desejável; pois o bem, enquanto é o fim ou objetivo de uma coisa, é duplo. Pois um fim é extrínseco à coisa ordenada a ele, como quando dizemos que um lugar é o fim de algo que é movido localmente. Ou é intrínseco, como uma forma é o fim do processo de geração ou alteração; e uma forma já adquirida é uma espécie de bem intrínseco da coisa cuja forma é. Ora, a forma de qualquer todo que é uno através da disposição de suas partes é a ordem desse todo. Daí se segue que é um bem desse todo.

2628. Portanto, o Filósofo pergunta se a natureza de todo o universo tem o seu bem e o sumo bem, ou seja, o seu fim próprio, como algo separado de si mesmo, ou se isso consiste na ordenação de suas partes da maneira como o bem de qualquer ser natural está em sua própria forma.

2629. Ou será (1103).

Então ele responde à questão levantada; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, mostra que o universo tem tanto um bem separado quanto um bem de ordem. Segundo (1104:C 2632), mostra os modos pelos quais as partes do universo contribuem para sua ordem ("E todas as coisas").

Ele diz, portanto, primeiro (1103), que o universo tem seu bem e fim de ambas as maneiras. Pois há um bem separado, que é o primeiro motor, do qual os céus e toda a natureza dependem como seu fim ou bem desejável, como foi mostrado (1067:C 2520). E, como todas as coisas que têm um só fim devem concordar em sua ordenação para esse fim, alguma ordem deve ser encontrada nas partes do universo; e assim o universo tem tanto um bem separado quanto um bem de ordem.

2630. Vemos isso, por exemplo, no caso de um exército; pois o bem do exército é encontrado tanto na própria ordem do exército quanto no comandante que está à frente do exército. Mas o bem do exército é encontrado em grau mais elevado em seu comandante do que em sua ordem, porque a bondade de um fim tem precedência sobre a bondade das coisas que existem por causa do fim. Ora, a ordem de um exército existe com o propósito de alcançar o bem de seu comandante, ou seja, sua vontade de obter a vitória. Mas o oposto disso não é verdadeiro, isto é, que o bem do comandante existe por causa do bem da ordem.

2631. E, uma vez que a característica formal das coisas que existem por causa de um fim é derivada do fim, é necessário, portanto, não apenas que o bem do exército exista por causa do comandante, mas também que a ordem do exército dependa do comandante, pois sua ordem existe por causa do comandante. Desse modo também o bem separado do universo, que é o primeiro motor, é um bem maior do que o bem de ordem que se encontra no universo. Pois toda a ordem do universo existe por causa do primeiro motor, na medida em que as coisas contidas na mente e na vontade do primeiro motor são realizadas no universo ordenado. Portanto, toda a ordem do universo deve depender do primeiro motor.

2632. E todas as coisas (1104).

Aqui ele mostra os modos pelos quais as partes do universo contribuem para sua ordem. Ele diz que todas as coisas no universo são ordenadas juntas de alguma maneira, mas nem todas são ordenadas da mesma forma, por exemplo, os animais marinhos, as aves e as plantas. Contudo, embora não sejam ordenadas da mesma maneira, ainda assim não estão dispostas de tal modo que uma delas não tenha conexão com a outra; mas há certa afinidade e relação de uma com a outra. Pois as plantas existem por causa dos animais, e os animais por causa dos homens. Que todas as coisas estão relacionadas entre si é evidente pelo fato de que todas estão conectadas a um só fim.

2633. Que nem todas são ordenadas da mesma maneira é esclarecido por um exemplo; pois numa casa ou família ordenada encontram-se diferentes graus de membros. Por exemplo, sob o chefe da família há um primeiro grau, a saber, o dos filhos, e um segundo grau, que é o dos escravos, e um terceiro grau, que é o dos animais domésticos, como cães e afins. Pois graus desse tipo têm uma relação diferente com a ordem da casa, que é imposta pelo chefe da família, que governa a casa. Pois não é próprio que os filhos ajam de maneira aleatória e desordenada, mas todas ou a maioria das coisas que fazem são ordenadas. Não é o caso, porém, com os escravos ou animais domésticos, porque eles compartilham em grau muito pequeno da ordem que existe para o bem comum. Mas no caso deles encontramos muitas coisas que são contingentes e aleatórias; e isso ocorre porque eles têm pouca conexão com o governante da casa, que visa ao bem comum da casa.

2634. E assim como a ordem da família é imposta pela lei e pelo preceito do chefe da família, que é o princípio de cada uma das coisas que são ordenadas na casa, tendo em vista a realização das atividades que pertencem à ordem da casa, de modo semelhante, a natureza das coisas físicas é o princípio pelo qual cada uma delas realiza a atividade que lhe é própria na ordem do universo. Pois, assim como qualquer membro da casa é disposto a agir pelo preceito do chefe da família, de modo semelhante, qualquer ser natural é disposto por sua própria natureza. Ora, a natureza de cada coisa é uma espécie de inclinação implantada nela pelo primeiro motor, que a dirige para seu fim próprio; e a partir disso fica claro que os seres naturais agem por causa de um fim, embora não conheçam esse fim, porque adquirem sua inclinação para o seu fim a partir da primeira inteligência.

2635. No entanto, nem todas as coisas são dispostas para esse fim da mesma maneira. Pois há algo comum a todas as coisas, uma vez que todas as coisas devem conseguir ser distinguidas; isto é, devem ter operações discretas e próprias, e devem também ser diferenciadas essencialmente umas das outras; e a esse respeito a ordem não falta em nenhuma delas. Mas há algumas coisas que não apenas têm isso, mas também são tais que todas as suas atividades "participam do todo", isto é, são dirigidas ao bem comum do todo. Isso se verifica naquelas coisas que não contêm nada contrário à sua natureza, nem qualquer elemento de acaso, mas tudo procede segundo a ordem correta.

2636. Pois é evidente, como foi apontado (1104:C 2632-34), que cada ser natural é dirigido ao bem comum em virtude de sua própria atividade natural própria. Portanto, aquelas coisas que jamais falham em sua atividade natural própria têm todas as suas atividades contribuindo para o todo. Mas aquelas que às vezes falham em sua atividade natural própria não têm todas as suas atividades contribuindo para o todo; e os corpos inferiores são desse tipo.

2637. A resposta resumida, então, é que a ordem requer duas coisas: uma distinção entre as coisas ordenadas e a contribuição das coisas distintas para o todo. Quanto à primeira, a ordem é encontrada em todas as coisas sem falta; mas quanto à segunda, a ordem é encontrada em algumas coisas, e estas são as coisas que são as mais elevadas e mais próximas do primeiro princípio, como as substâncias separadas e os corpos celestes, nos quais não há elemento de acaso nem nada contrário à sua natureza. Mas a ordem falta em algumas coisas, a saber, nos corpos [inferiores], que às vezes estão sujeitos ao acaso e a coisas que são contrárias à sua natureza. Isso ocorre por causa de sua distância do primeiro princípio, que é sempre o mesmo.

2638. E não devemos (1105).

Em seguida, ele trata do fim e da ordem do universo segundo a opinião de outros filósofos. Quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, explica o que pretende fazer. Diz que devemos declarar todas as conclusões impossíveis ou incongruentes que confrontam aqueles que expressam visões diferentes das nossas sobre o bem e a ordem do universo; e devemos também declarar o tipo de visões sustentadas por aqueles homens que dão uma explicação melhor das coisas e em cujas afirmações aparecem menos dificuldades.

2639. Pois todos estes (1106).

Ele então executa seu plano. A esse respeito, faz duas coisas. Primeiro (1106:C 2639), apresenta a opinião daqueles que sustentavam que os princípios das coisas são contrários; e segundo (1117:C 2656), a opinião daqueles que sustentavam que os princípios das coisas são naturezas separadas ("Além disso, se nada").

Ao tratar do primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro (1106), explica de que modo aqueles que dizem que os princípios das coisas são contrários estão errados. Diz que todos os filósofos antigos sustentavam que todas as coisas provêm de contrários como seus princípios; e estavam errados em três aspectos. Primeiro, erravam ao sustentar que as coisas provêm de contrários; segundo, ao dizer que todas as coisas provêm de contrários; e terceiro, ao não explicar como as coisas são produzidas a partir de contrários.

2640. Pois contrários (1107).

Segundo, ele indica como eles estavam errados nos três modos mencionados acima. Explica como erraram, primeiro, ao sustentar que as coisas provêm de contrários; e segundo (1108:C 2643), ao afirmar que todas as coisas provêm de contrários ("Além disso, [segundo eles]"); e terceiro (1113:C 2650), ao não mostrar como as coisas vêm dos contrários ("Mas todos os que falam").

Ele diz, portanto, primeiro (1107), que eles estavam errados ao dizer que as coisas provêm de contrários, porque contrários tomados em si mesmos não podem ser afetados um pelo outro; pois a brancura não é afetada pela negritude ou vice-versa, e algo poderia vir deles apenas se fossem influenciados um pelo outro e assim fossem reduzidos a um estado intermediário.

2641. Mas na opinião de Aristóteles, essa dificuldade é facilmente resolvida, porque além dos dois contrários ele também postulou um terceiro princípio, a matéria. Portanto, um dos dois contrários pode ser afetado pelo outro no sentido de que a matéria, que é o sujeito de um contrário, pode ser

afetada pelo outro contrário.

2642. Mas outros afirmavam que a matéria é um dos dois contrários e não algo distinto deles, como é evidente no caso daqueles que sustentavam que os contrários, o desigual e o igual, e o uno e o múltiplo, são princípios. Pois eles atribuem a desigualdade e a pluralidade à matéria, e a igualdade e a unidade à forma, como se encontra na opinião de Platão, embora os filósofos da natureza sustentassem o contrário. Mas essa afirmação deles é tratada da mesma maneira, porque a matéria, que é uma coisa como sujeito comum dos contrários, não é contrária a nada.

2643. Além disso, [segundo eles] (1108).

Em seguida, o Filósofo explica como esses pensadores estavam errados ao dizer que todas as coisas provêm de contrários; e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, mostra a conclusão irracional que decorre dessa visão. Pois é evidente que os contrários primários são o bem e o mal, porque um de dois contrários é sempre a privação do outro e, portanto, tem o caráter de mal. Portanto, se todas as coisas provêm de contrários, segue-se que todas as coisas participam tanto do mal quanto da unidade, isto é, do bem, que é um princípio; pois o bem é postulado como um dos dois elementos, e tudo o mais supostamente vem desses dois princípios. Mas isso não é verdade, porque a destruição e o mal não são encontrados nos corpos celestes nem na natureza das substâncias separadas.

2644. Pois outros pensadores (1109).

Segundo, mostra que a posição de todos aqueles que sustentavam que todas as coisas provêm de contrários não está de acordo com a posição de certos filósofos. Pois se todas as coisas vêm de contrários, segue-se, como foi apontado, que o bem e o mal são os primeiros princípios das coisas. Mas alguns não afirmavam que o bem e o mal são princípios, mas diziam que o bem é o princípio de todas as coisas.

2645. Os primeiros (1110).

Terceiro, ele indica o erro cometido mesmo por aqueles que afirmavam que o bem é um princípio das coisas. Ele torna isso claro, primeiro, de modo geral. Diz que, embora alguns filósofos estejam certos ao sustentar que o bem é um princípio de todas as coisas, eles ainda erram ao não mostrar como ele é um princípio, isto é, se como fim, ou como forma, ou como motor. Pois essas coisas são caracterizadas pela perfeição e bondade, enquanto a matéria, que é aperfeiçoada apenas pela forma, não tem o caráter de algo bom e perfeito; e, portanto, ele não faz menção a ela.

2646. E a doutrina de Empédocles (1111).

Em seguida, ele se volta para algumas opiniões particulares. Primeiro, considera a opinião de Empédocles. Diz que Empédocles fez a suposição irracional de que o bem é um princípio das coisas; pois ele afirmava que o amor é um princípio, identificando-o com o bem. No entanto, ele disse que o amor é um princípio de duas maneiras. Pois ele afirmava que é um princípio motor, na medida em que sua função é unir as coisas e trazê-las juntas; e também afirmava que é um princípio material, na medida em que ele afirma que o amor é uma parte dos compostos, já que supunha que os corpos são compostos dos quatro elementos e da amizade e da discórdia. E

embora o mesmo princípio possa ser tanto matéria quanto motor, não o é sob o mesmo aspecto formal. Pois o fogo pode ser um motor segundo sua forma, e um princípio material segundo sua matéria; mas não pode ser ambos sob o mesmo aspecto, porque um motor enquanto tal é atual, enquanto a matéria enquanto tal é potencial. Portanto, ainda deve ser explicado em que aspecto o amor tem o caráter de um princípio material, e em que aspecto tem o caráter de um motor — e isso ele não faz.

2647. Outra incongruência que decorre da opinião de Empédocles é sua postulação da discórdia como um primeiro princípio indestrutível; pois a discórdia em si mesma parece ser essencialmente má, e o mal, na opinião dos que estão certos, não é estabelecido como princípio, mas apenas o bem, como já foi dito (1109:C 2644).

2648. Novamente, Anaxágoras (1112).

Em terceiro lugar, ele se volta para a opinião de Anaxágoras. Diz que Anaxágoras considera o bem como um primeiro princípio das coisas enquanto motor; pois ele afirmou que um intelecto move todas as coisas. Mas é evidente que "um intelecto sempre causa movimento em vista de algum objetivo", i.e., um fim. Logo, Anaxágoras deve postular algum outro princípio pelo qual esse intelecto causa movimento, a menos que talvez ele diga, como nós dizemos, que um intelecto e seu objeto inteligível podem ser o mesmo; e que um intelecto move por si mesmo; o que é verdade, em certo sentido, para aquelas coisas que agem pelo intelecto, segundo nosso ponto de vista. Pois a arte da medicina age em vista da saúde, e a saúde é, em certo sentido, a própria arte da medicina, como foi apontado acima (C 2619; 606:C 1407).

2649. Outra consequência irracional que é contrária à opinião de Anaxágoras também parece decorrer se a visão comum for mantida, ou seja, que os contrários são os princípios de todas as coisas. Pois, segundo essa visão, seria absurdo que ele não fizesse algum princípio contrário ao bem e ao intelecto.

2650. Mas todos os que falam (1113).

Ele explica o terceiro erro que notou acima (1106-07:C 2639-40), a saber, que aqueles que sustentavam que os princípios são contrários não explicavam como as coisas vêm dos contrários como seus princípios. Diz que todos os que falam de contrários como princípios não os utilizam para explicar o que aparece no mundo, a menos que "alguns façam uso de imagens", i.e., a menos que alguém deseje satisfazer sua fantasia ou falar de forma figurada.

2651. E nenhum deles (ibid.).

Primeiro, ele mostra que eles não podem explicar as diferenças entre coisas corruptíveis e incorruptíveis. Ele diz, portanto, que nenhum dos filósofos antigos dá qualquer razão pela qual alguns seres são corruptíveis e outros não. Alguns deles afirmaram que todas as coisas derivam dos mesmos princípios, a saber, os contrários; e esta é a opinião dos antigos filósofos da natureza. Outros, os poetas teológicos, sustentaram que todas as coisas vêm do não-ser. Daí ele ter dito acima (1065: C 2515) que eles geram o mundo a partir do não-ser. E assim, embora ambos os grupos atribuam a origem de todas as coisas, eles não podem explicar por que as coisas se distinguem em corruptíveis e incorruptíveis. Logo, outros, para não serem levados a isso, i.e., a

postular que todas as coisas vêm do não-ser ou a explicar a diferença entre as coisas, sustentaram que todas as coisas são uma, eliminando completamente a distinção entre elas. Esta é a visão de Parmênides e Melisso.

2652. Além disso, ninguém (1114).

Em segundo lugar, ele mostra que eles também erraram em outro aspecto, a saber, por serem incapazes de explicar por que a geração é eterna ou de afirmar qual é a causa universal da geração; pois nenhum dos contrários é uma causa universal da geração.

2653. E aqueles que (1115).

Em terceiro lugar, ele expõe como esses homens erraram ao afirmar que os princípios das coisas são contrários; pois eles devem sustentar que um dos dois contrários é um princípio superior, já que um contrário tem o caráter de privação. Ou ele quer dizer que é necessário postular algum princípio, que seja mais importante do que ambos os contrários, pelo qual seja possível explicar por que certas coisas são atribuídas a um dos contrários como seu princípio e por que certas outras são atribuídas ao outro contrário; por exemplo, por que às vezes a discórdia fará os elementos se separarem e por que às vezes a amizade os fará se combinarem.

2654. Essa dificuldade também enfrenta aqueles que postulam Formas separadas; pois eles devem atribuir algum princípio que seja superior às Formas, já que é evidente que as coisas que são geradas e destruídas nem sempre participam de uma forma da mesma maneira. Logo, é necessário postular algum princípio pelo qual seja possível explicar por que este indivíduo participou anteriormente ou participa agora de uma forma.

2655. E para outros pensadores (1116).

Aqui ele dá uma quarta incongruência que esses pensadores enfrentam. Diz que os filósofos que afirmam que os princípios das coisas são contrários devem admitir que há algo contrário ao tipo primário de sabedoria ou à mais nobre ciência, porque a sabedoria diz respeito ao primeiro princípio, como foi mostrado no Livro I (13:C 35). Portanto, se não há nada contrário ao primeiro princípio (pois todos os pares de contrários têm uma natureza que está em potência para cada par), e segundo nós o primeiro princípio é imaterial, como fica claro pelo que foi dito (1058:C 2495), então segue-se que não há nada contrário ao primeiro princípio, e que não há ciência contrária à ciência primária, mas apenas ignorância.

2656. Além disso, se nada (1117).

Em seguida, ele se volta para a opinião daqueles que postularam substâncias separadas. Primeiro, ele aponta que uma incongruência confronta aqueles que deixam de postular tais substâncias. Ele diz que, se nada existe exceto as coisas sensíveis, não haverá primeiro princípio, como foi observado (1055:C 2489), nem ordem das coisas como foi descrita, nem geração eterna, nem princípios do tipo que postulamos acima (1060:C 2503); mas todo princípio sempre terá um princípio, e assim ao infinito. Assim, Sócrates será gerado por Platão, e este por outro, e assim ao infinito, como se viu ser a visão de todos os antigos filósofos da natureza. Pois eles não postularam um primeiro princípio universal acima desses princípios particulares e sensíveis.

2657. Agora, se ali (1118).

Então ele mostra que uma consequência irracional confronta aqueles que postulam certas naturezas separadas. Ele faz isso, primeiro, com respeito àqueles que postularam uma certa conexão na origem entre naturezas desse tipo; e segundo (1122:C 2661), com respeito àqueles que não sustentaram essa posição ("E aqueles que dizem").

Quanto ao primeiro, ele extrai quatro consequências insustentáveis. A primeira (1118) delas é que as Formas e números separados, que alguns postularam além das coisas sensíveis, parecem não ser causas de nada. Mas se são causas de algo, parece que nada será causa de movimento, porque coisas desse tipo não parecem ter o caráter de uma causa motora.

2658. Novamente, como (1119).

Segundo, ele traz à tona outra incongruência. Pois o número não é quantidade contínua, mas a quantidade contínua é constituída apenas de quantidades contínuas. Portanto, parece impossível explicar como a quantidade contínua ou a extensão vem dos números, que não são contínuos. Pois não se pode dizer que o número é a causa da quantidade contínua, seja como causa motora ou como causa formal.

2659. Além disso, ninguém (1120).

Em seguida, ele apresenta a terceira consequência insustentável. Ele diz que, se as Formas e números separados são primeiros princípios, segue-se, como a contrariedade não é encontrada nas Formas e nos números, que os primeiros princípios não serão contrários, porque não são considerados princípios produtivos ou motores. Portanto, seguir-se-á que não há geração ou movimento; pois se os primeiros princípios não são causas eficientes do movimento, mas são subsequentemente causados a partir de primeiros princípios, seguir-se-á que estão contidos na potência de princípios anteriores; e o que pode ser também pode não ser. A conclusão, então, é que a geração e o movimento não são eternos. Mas eles são eternos, como foi provado acima (1055:C 2490-91). Portanto, uma das premissas deve ser rejeitada, a saber, aquela que sustenta que os primeiros princípios não são motores. A maneira como os primeiros princípios são motores foi declarada no Livro I (25-26:C 50-51).

2660. Novamente, quanto ao modo (1121).

Ele apresenta a quarta incongruência. Ele diz que nenhum desses filósofos pode afirmar o que é que faz do número, ou da alma e do corpo, ou, em geral, da forma e da coisa à qual a forma pertence, uma unidade, a menos que diga que um motor faz isso, como explicamos acima no Livro VIII (736:C 1759). Formas e números, no entanto, não têm o caráter de um motor.

2661. E aqueles que dizem (1122).

Aqui ele indica a consequência irracional que confronta aqueles que afirmam que naturezas desse tipo são coisas não relacionadas. Ele diz que aqueles que afirmam que o número matemático é a realidade primária, como os pitagóricos fizeram, e "que há sempre uma substância após outra" dessa maneira, ou seja, consecutivamente (de modo que após o número vem a quantidade

contínua, e após a quantidade contínua vêm as coisas sensíveis), e que dizem que há um princípio diferente para cada natureza, de modo que há certos princípios para números, outros para quantidade contínua, e outros para coisas sensíveis — aqueles que falam dessa maneira, eu digo, tornam as substâncias do universo um grupo de substâncias não relacionadas entre si, i.e., sem ordem, na medida em que uma parte nada confere a qualquer outra parte, quer exista ou não. E eles igualmente tornam seus muitos princípios não relacionados.

2662. Ora, isso não pode ser o caso, porque os seres não querem ser mal dispostos; pois a disposição das coisas naturais é a melhor possível. Observamos isso no caso das coisas particulares, porque cada uma é melhor disposta em sua própria natureza. Portanto, devemos entender que esse é o caso em um grau muito maior no universo inteiro.

2663. Mas muitos governantes não são bons. Por exemplo, não seria bom que diferentes famílias que não compartilhassem nada em comum vivessem em uma única casa. Portanto, segue-se que o universo inteiro é como um principado e um reino, e deve, portanto, ser governado por um único governante. A conclusão de Aristóteles é que há um único governante de todo o universo, o primeiro motor, e um único objeto inteligível primeiro, e um único bem primeiro, a quem acima ele chamou de Deus (1074:C 2544), que é bendito para todo o sempre. **Amém.**

Revision #2

Created 19 September 2026 12:39:54 by Admin

Updated 19 September 2026 12:48:06 by Admin